



“NOVO PODER, NOVAS IDEIAS”:

A IDENTIDADE DE UMA ELITE ASCENDENTE (1947-1964)

Gabriela Tosta Goulart¹

A proposta

Esta pesquisa de tese tem entre seus objetivos identificar o perfil e relacionar com as ideias e projetos veiculados das elites políticas de Passo Fundo no período de 1947-1964, bem como compreender a relação destas elites com os discursos e projetos políticos veiculados na imprensa local. O recorte temporal foi definido por se tratar de um período de liberdade de imprensa e política, que antecede a um período de ditadura. A imprensa vivia uma maior liberdade informativa e opinativa, o que permitiu identificar os embates abordados, as articulações políticas no campo social, para compreender o novo cenário político formado pelas elites que ascenderam no decorrer do recorte temporal selecionado. Passo Fundo, por ser uma cidade referência no norte do estado, representa o recorte espacial do estudo prosopográfico das elites selecionadas para identificar os discursos e os pontos identitários em comum da elite ascendente do período referido.

Bourdieu (1974) percebe esta busca identitária como uma estrutura constitutiva que é exercida pelo “*habitus*”, o que por sua vez pode ser uma representação da prática. “As práticas resultam da relação dialética entre uma *estrutura* – por intermédio do *habitus* como *modus operandi* – e uma *conjuntura* entendida como as condições de atualização deste *habitus* e que não passa de um estado particular de estrutura”². Este *habitus* pode partir de “experiências passadas”, ou como um resultado das experiências “desde a primeira educação familiar”, mas também “reatualizados ao longo da trajetória social”, possibilitando com que o sujeito possa ter a sua consciência mobilizada em preferências por certos grupos e/ou classes, por este motivo, são indiretamente responsáveis “pelo campo de sentido em que operam as relações de força”. No entanto, o autor destaca que estas interações definidas por tal “*estrutura objetiva*” dos envolvidos anteveem suas práticas por responderem à “*situação conjuntural*”.

¹ Doutoranda em História Regional com ênfase em Cultura e Patrimônio, pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: gabi_goulrt@hotmail.com

² BORDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p.XL-XLL.

Por tal perspectiva, abordou-se o recorte de 1947 a 1964, posterior ao Estado Novo e anterior às ditaduras militares. O Brasil vivia um período de livre associação partidária e de intensa disputa entre partidos. Este período foi caracterizado no Brasil pela rápida e crescente industrialização, bem como de migração do campo para a cidade para suprir a mão-de-obra dessas indústrias. As disputas partidárias estavam mais intensas e articuladas, resultado da ação de Vargas ainda em 1945, quando abriu processo de eleições e aprovou a fundação de diversos partidos, entre eles PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PSD (Partido Social Democrático) e PCB (Partido Comunista do Brasil).

A cisão partidária pelo desentendimento ideológico era o principal fator que originava, com frequência, novos partidos e novas correntes ideológicas. A ruptura mais comentada no período foi a ocorrida no PSD, que originou o PTB, acarretada por adversidades nas instâncias políticas do Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo, estes partidos possuíam coesão no cenário nacional pelo apoio incontestado a Getúlio Vargas. Apesar das adversidades de formação destes partidos, em Passo Fundo, o critério de formação política não destoava do restante do Rio Grande do Sul, por este motivo as relações partidárias em questão são um dos elementos definidores para o recorte temporal do projeto.

Em síntese, o recorte temporal foi delimitado levando em conta o critério da liberdade partidária que o período permitia, pois foi graças a este espaço que novos poderes ascenderam e novas ideias passaram a compor os projetos da elite política. Estas novas ideias que, por ventura, intrigavam o tradicional PSD, faziam com que o PTB ganhasse aliados que não provinham necessariamente de uma elite econômica, mas também de representatividade sindical ou comunitárias.

Historicamente a imprensa tem sido um dos sustentáculos do poder da elite política, utilizando-se de discursos propagandístico, muito mais do que de discursos informativos, para sua manutenção de poder político. Nicolau de Araújo Vergueiro, juntamente com alguns aliados, foi um dos principais nomes da política local até meados de 1950, sua marca se deu principalmente na participação ativa para a fundação do PSD, no Rio Grande do Sul. Seguindo o que ocorria em nível nacional, outros dois partidos se formaram neste mesmo espaço de tempo, a União Democrática Nacional (UDN) e o PTB. Tanto o PSD quanto a UDN e o PTB foram provenientes de dissidentes do extinto Partido Republicano (PR) e Partido Liberal (PL).

No PSD, Vergueiro exerceu liderança e participou do diretório municipal, possuía estima pela figura do presidente Getúlio Vargas, o que influenciou o direcionamento de sua carreira política às fileiras do PSD. Apoiando Eurico Gaspar Dutra para a presidência, Vergueiro conquistou votos suficientes para ser eleito deputado federal. Em 1950 o candidato à presidência apoiado pelo PSD foi Cristiano Monteiro Machado e, neste período, Vergueiro novamente se candidatou a

Câmara Federal, mas não foi eleito. O partido que inicialmente tinha apoio de Vargas, passou a ter muitas dissidências e oposições internas devidas ao apoio deste ao PTB e o crescimento deste partido. Localmente, Vergueiro tinha apoio de apenas um dos dois principais jornais locais do período: o Jornal *Diário da Manhã*. O jornal *O Nacional*, por sua vez, mantinha-se na oposição sempre que possível.

O candidato apoiado por Vergueiro na política passofundense era Arthur Ferreira Filho, Prefeito de Passo Fundo por três gestões não sequenciais, herdeiro das críticas ferrenhas que anteriormente o jornal *O Nacional* dedicava a Vergueiro. Arthur Ferreira Filho era citado pelo jornal como coronel-prefeito, ou ex-coronel-prefeito, dependia se estava ou não a exercer o cargo. O jornal desenvolveu inclusive ilustrações legendadas que adotavam impreterivelmente o sarcasmo, nomeadas “Uma por dia”, marcando pesado nas críticas às viagens, às festas e aos gastos do dinheiro da intendência com situações particulares.

Outro nome que marcou época no período recortado, pelo PTB, foi César José Santos que, assim como Vergueiro, era referenciado frequentemente pelos jornais *O Nacional* e *Diário da Manhã*, em Passo Fundo. Ambos eram médicos e políticos, conciliavam as duas carreiras, politicamente alcançaram o cenário Estadual e Federal. Na política local, César Santos apoiou Armando Annes e Daniel Dipp que se lançaram à prefeitura pelo PTB. PTB e PSD, apesar de aliados no cenário nacional e na maioria dos Estados brasileiros, eram adversários em Passo Fundo. O PSD era um partido que tradicionalmente atraía a maior parte da elite local, mas esta situação começou a se transformar quando César Santos (PTB) destacou-se na atuação política estadual. Neste período, também, Múcio de Castro, proprietário do jornal *O Nacional* ingressou no cenário político estadual pelo PTB e, nas páginas de seu jornal, dedicou críticas imbuídas de sarcasmo ao PSD e seus candidatos. Por outro lado, o PSD tentava manter sua posição de liderança com Arthur Ferreira Filho transitando de sua destacada posição de Intendente em Passo Fundo por três mandatos, por nomeação, para o cenário estadual e, ainda com Túlio Fontoura que era proprietário do Jornal *Diário da Manhã* e ferrenho defensor de Ferreira Filho.

Assim como no restante do Brasil, em Passo Fundo uma característica distinguia o PTB dos demais partidos: ele era formado em sua maioria por lideranças sindicais, enquanto a classe média concentrou-se no PSD. No Rio Grande do Sul uma diferença teve a formação de ambos, primeiro formou-se o PSD, posteriormente os “sindicalistas” e intelectuais desligaram-se deste e fundaram o PTB estadual. Como intelectuais compreendemos aqueles que possuíam formação superior, como médicos, advogados engenheiros, entre outros.

Apesar dessa convivência entre sindicalistas e intelectuais no mesmo partido, o período político foi conturbado, é o que coloca a mídia em evidência para se tornar um objeto de atenções diversas. É por este mundo político e pela visibilidade social, que se torna necessário compreender

o papel da esfera pública neste processo. Habermas (1984) vê a esfera pública como uma estrutura mediadora entre o sistema político e setores privados, com uma concepção excludente da maioria da sociedade, restringindo assim como uma mediação controlada pelas elites. Neste viés, a mídia pode ser um ponto de mediação da demanda da esfera pública para o privado, no qual Campos (2014) entende a imprensa como um dos pilares desta esfera pública.

Tendo a mídia como porta-voz dos políticos locais e pilar da esfera pública, justifica-se o uso do Jornal *O Nacional* e do *Diário da Manhã* como fonte de estudo. Esta ideia se torna mais compreensível quando Charaudeau (2012) diz que as mídias não são uma “instância de poder”, e tal poder não depende de um indivíduo apenas, “mas da instância na qual se encontra o indivíduo e da qual ele tira sua força. Essa instância deve ter a capacidade de gerir e influenciar os comportamentos dos indivíduos que vivem em sociedade [...]”³. E é desta forma que a informação era gerida pela mídia, pela influência de opiniões de determinados indivíduos.

Tais considerações geram questionamentos no entorno da informação, como exemplo: Que motivos se escondem por trás do ato de informação? Qual a origem da informação? Para quem a informação está sendo transmitida? Charaudeau⁴ defende que independentemente da pergunta que se faça a respeito de tal informação, deve-se voltar atenção à linguagem. “A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos a uma língua, mas a sistemas e valores que comandam o uso desses signos e circunstâncias de comunicação particulares”. Melo (1994) classifica este ato de informação como expressão opinativa, como um direcionamento ideológico, ao selecionar o conteúdo que deve ser externado ao público. Na perspectiva de Rudiger (1993), há um “caráter político” da imprensa, que ingressa tenuamente na linha de “políticas noticiosas”, o que caracterizaria as respectivas relações de poder que transpassam legitimamente da elite para a coletividade.

Tendo em vista a perspectiva de que a cultura política nasce como uma resposta aos problemas sociais que acabam por destacar um determinado grupo da sociedade, deixando a perspectiva individual para a abrangência de um fenômeno coletivo de formação desta elite, entende-se que este estudo possibilitará um maior conhecimento sobre a cultura política local/regional da época, o que tem como função mostrar uma constituição de elementos em coerência de relação uns com os outros para se traçar uma identidade. Cultura política, assim, é um dos conceitos-chave para a análise em questão, pois alguns elementos denotam valores e padrões de ações coletivas exprimem a percepção de uma cultura política. Este ponto de observação é que permite o aporte para a compreensão da elite ascendente em Passo Fundo no recorte selecionado,

³ CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. São Paulo: Contexto, 2012, p. 18.

⁴ CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. São Paulo: Contexto, 2012, p. 33.

pois buscamos identificar os discursos e ações desta elite para demonstrar a teoria de uma cultura política em comum na formação e ações destes sujeitos.

Para capacitar a análise da diretriz e das ações destes sujeitos propôs-se conhecer seus projetos, utilizando-se das questões relativas às explorações e desempenho nas realidades executadas e externadas à sociedade através das fontes propostas. Esta visibilidade sobre a definição de um projeto, neste entremeio do político, é orientada como uma “negociação” e “construção” que tende a vincular-se aos “códigos culturais” deste grupo. Estima-se que o código cultural pode partir de uma vinculação com a imprensa, que por sua vez, tem em seu histórico uma ligação íntima com a política. A imprensa exerce um papel de meio legitimador de posições políticas calçando suas posições em discursos partidários, como um instrumento de poder simbólico que levava as demandas do grupo político ao qual dava voz para uma vontade geral.

A imprensa também foi entendida como um instrumento simbólico de poder nas páginas dos Jornais *O Nacional* e *Diário da Manhã*, enquanto um porta voz da elite política ou dos ideais destes, posicionava-se e mantinha suas diretrizes em nome de figuras específicas da elite local. Como o que instrumenta a imprensa é, em parte, proveniente do ideal de seu editor, entende-se como necessária a compreensão do que vem a ser uma memória deste meio. A memória tende em sua essência a ser um espaço de conflito, de tensão, de estratificação, de fragmentos diversos desta memória, de traços ocultos, de testemunhos nos quais tangerem sobreviver às imagens do passado, mas que, sobretudo, revelam uma luta pela própria legitimidade, e é necessário que se legitime este jogo de influências.

Em Passo Fundo, estas questões ligadas ao uso político da imprensa ganham mais relevância se destacarmos que os donos de jornais eram ativos politicamente no município, Múcio de Castro d’*O Nacional* e Túlio Fontoura do *Diário da Manhã*. Desta forma, também comporão a elite política da análise prosopográfica, juntamente com Nicolau Vergueiro, César Santos, Daniel Dipp, Arthur Ferreira Filho, Armando Annes, Benoni Rosado, Wolmar Salton. Os nomes destes integrantes da elite, enunciadores e influenciadores de projetos políticos na imprensa, selecionados para a análise prosopográfica, são provenientes da busca realizada nos jornais *O Nacional* e *Diário da Manhã*.

No estudo da cultura política, Bordieu⁵ percebe a necessidade de se estudar os “portadores do *habitus*” principalmente no que tange a este grupo elitário para percepção das competências adquiridas junto ao grupo/partido político homogêneo “e, portanto, capazes de atualizá-lo e expressá-lo através de suas práticas”. O autor percebe na prática política o ponto de transformação das relações sociais pela prática ideológica, o que constituiria a nova consciência das práticas sociais para que as estruturas pré-concebidas não se modifiquem.

⁵ BORDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. XLIII.

Conhecer a prática desta elite e analisá-la pela perspectiva da metodologia prosopográfica pode ser justificado pela necessidade de compreensão da sua origem e formação, o que constitui a perspectiva de Bordieu sobre o conceito de *habitus*:

O *habitus* constitui a matriz que dá conta da série de estruturações e reestruturações por que passam as diversas modalidades de experiências diacronicamente determinadas dos agentes. Assim como o *habitus* adquirido através da inculcação familiar é condição primordial para a estruturação das experiências escolares, o *habitus* transformado pela ação escolar constitui o princípio de estruturação de todas as experiências ulteriores, incluindo desde a recepção das mensagens produzidas pela indústria cultural até as experiências profissionais. O objeto para análise não e restringe apenas às práticas dos grupos mas incide sobre os princípios de produção de que são o produto, vale dizer, o *habitus* de classe e os princípios de produção de tal *ethos*, a saber, as condições materiais de existência. Nesta direção, todo o problema consiste em captar o processo pelo qual as estruturas produzem os *habitus* tendentes a reproduzi-las, isto é, produzem agentes dotados de um sistema de disposições conducentes a estratégias tendentes por sua vez a reproduzir o sistema das relações entre grupos e/ou as classes⁶.

Através deste viés do estudo do *habitus*, pode-se perceber que as elites sempre restringem o poder político a um pequeno grupo de pessoas destacadas econômica, ideológica ou mesmo politicamente. Grande parte deste grupo elitário provinha em maioria de origem privilegiada, e nas definições de posições proeminentes ao poder político o diferencial de comportamento era a fidelidade ao partido no poder ou o rompimento das alas às quais pertenciam. O estudo das elites apresenta-se como elemento para determinar espaços e mecanismos da identidade política em diferentes sociedades ou meios de acesso às posições dominantes. As elites são detentoras de importantes posições. Estas posições são provenientes de ligações sociais que também determinam as práticas deste grupo, por isso o foco nestas relações interpessoais é fundamental para este estudo.

Conhecer estas relações e suas transformações ideológicas no âmbito das relações sociais, conforme Bordieu⁷ permitem perceber os atos que reduzem as estratégias de atuação ao automatismo, visto de um campo simbólico que dá conta não só de suas disposições, mas também de suas práticas e discursos. Para isso o autor defende que é preciso “situar o *corpus* assim constituído no interior do campo ideológico de que faz parte”, estabelecendo também “relações entre a posição deste *corpus* neste campo e a posição no campo intelectual do grupo de agentes que o produziu”.

Em outros termos, é necessário determinar previamente as funções de que se reveste este *corpus* no sistema das relações de concorrência de conflito entre grupos situados em posições diferentes no interior de um campo intelectual que, por sua vez, também ocupa uma dada posição no campo do poder⁸.

⁶ BORDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. XLVII.

⁷ BORDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. LIII.

⁸ BORDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 186.

No que tange à concepção de uma definição de poder político percebeu-se que as práticas e os projetos divulgados pelo jornal podem resultar de um processo dialético que convergem ou divergem. Partindo desse pressuposto, analisaremos os discursos da elite política passofundense nos dois principais jornais locais identificando a relação desses com as ações políticas do grupo em questão, ou seja, como e quais ideias são aceitas e colocadas em prática. O espaço político é entendido, assim, como um campo de forças em que, dependendo do contexto, alguns valores se sobrepõem a outros. Compreendendo o conceito de Bordieu (1974) do poder simbólico ao considerar a realidade construída e explícita pela função social ou mesmo pela função política, a comunicação demonstra-se como um instrumento de integração no campo social representado pela voz da imprensa, o que o torna possível de ser absorvido como um “produto coletivo e coletivamente apropriado” servindo a interesses particulares, apresentados como comum aos leitores, mas servindo ao interesse de um grupo de elite.

Este fator que se institui no limiar cultural, é o que heterogeniza e legitima a relação da cultura dominante. Assim, segundo o autor, os sistemas simbólicos políticos cumprem na imprensa seu instrumento de legitimação para assegurar a dominação para com os dominados. É aqui que se supõe o ponto de legitimação da elite política ao se utilizarem de especialistas de produção simbólica – a imprensa, os discursos, etc -, como uma das formas de impor seu poder político.

As relações desta elite na imprensa trazem em destaque o campo das relações políticas e, a noção de projeto, o que justifica a análise pelo ponto de noções de projeto e campo de possibilidades, devidamente respaldado em Schmidt (2009) e Velho (2003). Em vista destas referências, entende-se projeto como uma “conduta organizada” para finalidades determinadas. Trata-se do instrumento básico de negociação da realidade com outros atores. Em essência, ele existe como meio de comunicação, como forma de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos e aspirações para o mundo. Já o campo de possibilidades é entendido como “dimensão sociocultural”, espaço no qual se formula e implementa tais projetos, é o espaço de manobra possível, diante das circunstâncias de toda natureza, para a implementação de projetos individuais. Tais referenciais também permitiram compreender que, assim como as pessoas, os projetos também mudam, porque são dinâmicos e permanentemente reelaborados, bem como as pessoas também podem se transformar por causa de seus projetos. Esta transformação individual ocorre ao longo do tempo e contextualmente. Tais considerações, em especial, são elucidadas na análise realizada pela metodologia prosopográfica.

O tema está diretamente interligado ao método utilizado: a prosopografia. Partindo de características básicas, traçadas por Stone (1971), para uma análise coletiva, empregou-se o uso de um conjunto de questões “sobre nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origens das fortunas pessoais,

ocupação, religião, experiência profissional, etc”. Estes dados são cruzados para chegarmos a um determinante de correlações internas e reflexivas no externo, mas sem deixar de levar em conta os projetos propostos e divulgados e as ações executadas politicamente. Com estes dados também será possível compreender o que Vargas (2007) chama de “padrões desviantes da coletividade” permitindo também uma análise deste bloco elitário como uma rede social interligada.

Uma das questões direcionadas para a análise prosopográfica foi compreender se a origem social determinou o direcionamento para a carreira política e, a partir disso, partiu-se para a busca de dados que pudessem direcionar as demais questões levantadas sobre este grupo que pudessem influenciar em suas diretrizes e projetos políticos. Neste sentido, a prosopografia “reúne dados biográficos de um grupo de atores históricos que têm algo em comum, seja uma função, uma atividade, ou ainda uma posição social; ela é portanto, um ‘estudo coletivo’ de suas vidas”⁹.

Outro autor, MICELI¹⁰, considera que a prosopografia necessita de uma “construção da biografia coletiva de um determinado setor da classe dirigente com base numa estratégia de exposição e análise que se vale do exame detido de casos exemplares”, por isso, a representativa da elite política selecionada nesta tese partiu da exposição da imprensa ou do poder representado por esta na propagação de ideias e projetos. Buscou-se para isso, “casos cujas características sociais, escolares, profissionais, etc. possibilitam a reconstrução de uma trajetória ou ‘destino de classe’ para os fins de análise sociológica ou política”.

Para analisar o sentido das ações políticas da elite política selecionada, explicando sua ideologias e culturas ou mesmo a mudança destas, nos aprofundamos no método prosopográfico abrangendo a definição conhecida de Lawrence Stone:

A prosopografia é a investigação das características comuns do passado de um grupo de atores na história através do estudo coletivo de suas vidas. O método empregado consiste em definir um universo a ser estudado e então a ele formular um conjunto de questões padronizadas – sobre nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posições econômicas herdadas, local de residência, educação e fonte de riqueza pessoal, religião, experiência profissional e assim por diante¹¹.

Utilizando o método prosopográfico, nos propomos a ir além de uma coleta de dados sobre a vida deste grupo selecionado. Através dele, podemos pensar sobre suas especificidades, semelhanças, diferenças e coincidências sobre esta elite. Por meio de um mapa prosopográfico (questionário biográfico ou ficha padrão), categorizei e reuni informações como: origem,

⁹ ROY, Fernande; SAINT-PIERRE, Jocelyn. *A alta redação dos jornais de Quebec (1850-1920)*. In: HEINZ, Flávio M. (Org.). Por outra história das elites. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.204-205.

¹⁰ MICELI, Sérgio. *Biografia e cooptação*. In: _____. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.347.

¹¹ STONE, Lawrence. *Prosopography*. *Daedalus: Journal of the American Academy of Arts and Sciences*, vol. 100, n.1, Winter 1971, p. 46.

escolaridade, atividades profissionais, situação econômica, carreira política, laços de casamento e parentesco, posições ideológicas (selecionadas a partir do posicionamento e/ou propagação de ideias na imprensa local) etc. Tais dados permitem o cruzamento de informações que nos permitirá analisar o panorama de atuação desta elite através de suas diretrizes e projetos. As questões trabalhadas através deste cruzamento de informações podem responder questões sobre a origem desta elite; como se inseriu no meio político; qual sua formação; o que valoriza e defende e como age no meio político.

Neste enlace proposto, o objetivo no primeiro capítulo é apresentar o cenário político nacional, estadual e local, destacando também o papel da imprensa neste panorama. No segundo capítulo, intende-se mostrar as elites selecionadas e a análise prosopográfica deste grupo, demonstrando que essas elites não agem isoladamente e nem ao acaso, por isso buscar-se-á traçar as propostas políticas externadas à sociedade através da imprensa, dos discursos e dos projetos desta elite política. O terceiro capítulo será o enlace destes pontos, demonstrando que estas elites possuem pontos em comum que direcionam seus atos e/ou projetos políticos perante a sociedade, mas que em algum momento de sua transformação atuária são resultantes de um ruptura entre a velha guarda da elite e a elite ingressante ao poder de 1947 a 1964.

A elite prosopografada

Os membros desta elite selecionada nas páginas dos impressos são: Nicolau de Araújo Vergueiro, César José Santos, Arthur Ferreira Filho, Daniel Dipp, Múcio de Castro, Armando Araújo Annes, Benoni Rosado, Mário Menegaz, Wolmar Salton, Sinval Bernardon, Dionísio Lângaro, José Lamaison Porto e Túlio Fontoura. Os aspectos de análise selecionados são: Origem, Ensino Secundário, Formação Acadêmica, Atuação Profissional, Inserção Partidária, Candidaturas, Projetos Políticos, Divulgação ideológica na imprensa. A seleção foi realizada pelo critério de que estes, de alguma forma, enunciaram projetos políticos na imprensa ou foram citados por suas participações com maior frequência.

A ideologia política divulgada na imprensa

O jornalismo brasileiro tem como marca a crítica e a opinião, mas a pouca objetividade também é uma característica percebida por Abreu (1996), traços provenientes do modelo francês adotado no início do século XX até meados da década de 1960. A partir daí, a autora percebe uma transição para modelo norte-americano, voltando-se mais para a informação e deixando os comentários pessoais de forma explícita, declarada. O período de 1947 a 1964 foi de complexas

mudanças no cenário cultural, político e econômico para o Brasil, em especial para a região sul que superara a transição da pecuária para a agricultura e já começava a colher os frutos deste direcionamento. A autora também percebe neste período uma busca pela identidade nacional e um resgate das correntes de pensamento que resgatava a “vida intelectual brasileira”. Desta forma, Abreu¹² percebe que a imprensa conquistou um duplo papel neste período:

Ela revela de forma quase imperceptível as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, mas, por outro lado, a obriga a acompanhar as transformações. Ela se atualiza para acompanhar as mudanças e ao mesmo tempo introduz novas formas de pensar; ela é parte integrante de todo o processo.

A pesquisa chegou a constituir a hipótese de que a imprensa atraia os intelectuais para tornarem-se ativos na “exposição pública” e para participarem de forma direta na política. Nesta situação, a imprensa seria o meio para legitimidade da expressão destes intelectuais “para divulgar suas idéias, projetos de construção e consolidação da nação, modelos de desenvolvimento etc.”, agindo ainda como um meio de sociabilidade para esta elite intelectual e política. Abreu percebe a imprensa no mesmo papel de sociabilidade que os cafés locais, pois permitiam encontros, manifestações e rivalidades que afrontava diferentes gerações. A maior parte dos intelectuais, como podemos perceber pelos selecionados nesta análise, eram colaboradores dos jornais locais e acabavam voltando-se para os que possuíam linhas ideológicas semelhantes como o Diário da Manhã de Túlio Fontoura e as permissões à Nicolau Vergueiro e, posteriormente, à César Santos. Ou ainda o jornal *O Nacional* e as concessões de espaço à Daniel Dipp. A autora não percebe a semelhança ideológica como um fator de aproximação dos grupos, mas percebe a imprensa como seu porta-voz legítimo.

Neste período, o jornalista passava a ser conhecido como profissional, remunerado de acordo, com reconhecimento perante a sociedade, superando a atuação na imprensa somente pelos colaboradores que possuíam uma carreira paralela, “ou seja, o jornalista saído das faculdades de filosofia, dos cursos de jornalismo, com dedicação integral, boa remuneração e com um reconhecimento social da profissão”¹³. A colaboração com colunas e opiniões na imprensa, passava a ser apenas uma forma de reconhecimento e expressividade para os intelectuais e políticos, os quais Abreu denomina de “*intelligentsia*” uma elite voltada para a modernização da sociedade, engajada em revolucionar a política, construir uma nacionalidade, politizar o povo, conscientizar sobre as situações sociais.

¹² ABREU, Alzira Aves de; *et al. A imprensa em transição: O jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.17.

¹³ ABREU, Alzira Aves de; *et al. A imprensa em transição: O jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p 27.

A transição que se percebia na imprensa, também era encontrada no cenário político. Na imprensa, Abreu¹⁴ descreve esta transição como sendo de novas ideias e novos autores. Na política, o jornal *O Nacional*¹⁵ faz uso do termo “novo poder, nova ideia” para descrever tais atores que ingressaram na política local e estadual. Seja pelos olhos da imprensa ou da política, a comunicação de ambos estava alcançando uma nova forma de direcionar a comunicação abrangendo os mais diversos públicos e enfocando a comunicação de massa. A transmissão ideológica por meio da imprensa passava por reformulação sob o enfoque da comunicação de massa:

Se pensarmos ideologia em termos das maneiras como o sentido mobilizado pelas formas simbólicas serve para estabelecer e sustentar relações de dominação, então podemos ver que o desenvolvimento da comunicação de massa traz consequências enormes para a natureza e o alcance dos fenômenos ideológicos. Com o desenvolvimento da comunicação de massa, a circulação das formas simbólicas é sempre mais separada da necessidade de um local físico comum e por isso a mobilização do sentido tem cada vez mais capacidade de transcender o contexto social dentro do qual as formas simbólicas são produzidas. É apenas com o desenvolvimento da comunicação de massa que os fenômenos ideológicos podem tornar-se fenômenos *de massa*, isto é, fenômenos capazes de afetar grande número de pessoas em locais diversos e distantes¹⁶.

O autor demonstra a perspectiva do transmissor e do receptor da mensagem. No caso do receptor, a absorção da mensagem precisa passar por um processo de apropriação, compreensão, interpretação, discussão, apreciação e incorporação. A interpretação de uma mensagem imbuída de ideologia não garante que a simbologia seja equivalente para o receptor. Se não houver potencial crítico, não haverá reflexão crítica, e impossibilitará a tentativa de relação de “poder e dominação”. Para aproximar o uso de ideologias com o exercício do poder, Thompson caracteriza o termo da seguinte maneira:

Ideologia é um sistema de representações que servem para sustentar relações inexistentes de dominação de classes através da orientação das pessoas para o passado em vez de para o futuro, ou para imagens ideais que escondem as relações de classe e desviam da busca coletiva de mudança social [...]¹⁷.

Já na interpretação de Thompson, sobre o uso e significação do termo ideologia por Marx, este conceito cumpre outro papel: “é sintoma de uma doença, não a característica normal de uma sociedade sadia e muito menos uma medicina para a cura social”¹⁸. Segundo o autor, Marx levou o conceito de ideologia à neutralização, levando a uma generalização “implícita”, favorecendo o interesse na abordagem das lutas de classe. Nesta perspectiva, a ideologia torna-se um sistema

¹⁴ ABREU, Alzira Aves de; *et al.* *A imprensa em transição: O jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 84.

¹⁵ *O Nacional*, 7 out. 1958.

¹⁶ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 31.

¹⁷ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 58.

¹⁸ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 62-63.

interligado condicionado por um grupo de pessoas que se engajam na “análise ideológica” e até mesmo uma “arma intelectual” dos políticos e seus partidos. Em um preceito de análise mais amplo, o autor percebe a ideologia como um “sistema de crenças, ou formas e práticas simbólicas”¹⁹.

Nesta abordagem, há a “exigência de legitimação” para que se possa caricaturar uma relação de dominação através deste meio de representação chamado imprensa. Sendo assim, Thompson percebe três perspectivas para o uso de estratégias de legitimação ideológica: 1ª racionalização; 2ª universalização; 3ª narrativização. A primeira justifica sua legitimidade através de suas relações, de forma simbólica. A segunda utiliza-se da vontade de alguns para instituí-las como uma vontade coletiva, com “acordos institucionais”. A terceira e última, legitima os atos presentes pela tradição constituída no passado. Independente de qual das três maneiras de legitimidade se faça uso, o autor percebe-as como “servindo para justificar o exercício de poder por aqueles que o possuem e servindo, também, para justificar, diante dos outros, o fato de que eles não têm poder”²⁰. Estas três perspectivas apresentadas pelo autor, não estão restritas como componentes de um modelo único, pois reconhece o uso da ideologia por meio da *dissimulação*, *unificação*, *fragmentação* e *reificação*, não apenas da legitimidade.

Relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes. A ideologia *como* dissimulação pode ser expressa em formas simbólicas através de uma variedade de diferentes estratégias. Uma destas estratégias é o *deslocamento*: um termo costumeiramente usado para se referir a um determinado objeto ou pessoa usado para se referir a um outro, e com isso as conotações positivas ou negativas do termo são transferidas para o outro objeto ou pessoa. [...] Uma outra estratégia que facilita a dissimulação das relações sociais é a *eufemização*: ações, instituições ou relações sociais são descritas ou redescritas de modo a despertar uma valorização positiva [...]”²¹.

No caso da dissimulação, o destaque se dá a figuras de linguagens como a sinédoque (utiliza o todo para alcançar uma parte), a metonímia (suposição através de associação, sutilmente como uma propaganda) e a metáfora (expressões utilizadas em sentidos figurativos, não literários), ambas corriqueiras na imprensa para encobrir relações de dominação. A unificação utiliza-se da identidade coletiva, “da pluralidade de grupos”, como estratégia de tornar a troca simbólica uma padronização aceitável. Na fragmentação o apoio é dado a características individuais, gerando divisões entre grupos, permitindo inclusive a estratégia de “construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou expurga-lo”²².

¹⁹ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 75.

²⁰ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 82-83.

²¹ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 83-84.

²² THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 87.

A reificação abrange a questão como natural, deixando questões nas tratativas sociais e históricas como permanentes ao exemplo das questões de classe social, sexo, etc., levando “costumes, tradições e instituições” ao seu ponto de origem inquestionavelmente. Em todas as formas descritas pelo autor, a ideologia retorna ao ponto de crença como um sistema que mobiliza e legitima a ordem social de grupos dominantes. Neste viés, a concepção de ideologia encontra-se com a significação do termo cultura que também se volta para “um variado conjunto de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas características de uma sociedade específica ou de um período histórico”, o que de acordo com o autor supracitado também está interligado à “interpretação dos símbolos e da ação simbólica”²³. O pesquisador também indica a evolução do conceito de cultura para “co-extensivo” para a efetividade de uma análise cultural que busca elucidar significados imersos nas simbologias.

Enquanto formas simbólicas, os fenômenos culturais são significativos assim para os atores como para os analistas. São fenômenos rotineiramente interpretados pelos atores no curso de suas vidas diárias e que requerem a interpretação pelos analistas que buscam compreender as características significativas da vida social²⁴.

Interpretando a partir desta perspectiva de explanação de Thompson, chegamos ao campo de interação entre o sincrônico espaço das posições e o diacrônico de trajetórias discutido por Bordieu (1989). Nesta diretriz, as trajetórias estão determinadas pelo espaço social em que o indivíduo se situa, considerando os recursos que este meio permite, podendo estar interligado à questão econômica, cultural ou simbólica. Thompson corrobora com a análise de Bordieu quando percebe nos indivíduos que a construção da “carreira” é, muitas vezes, vista como inseparável da proposta instigada pelas instituições que acabam por influenciar na trajetória do referido indivíduo. “Isto porque toda ação e interação envolve a implementação de condições sociais que são característica dos campos dentro dos quais elas têm lugar”²⁵. Ainda assim, sob tais influências e delimitações, o autor entende o indivíduo possuidor do poder como capaz de agir em prol de seus interesses com os recursos que possui, de acordo é claro com a posição que aloca em dada instituição que lhe dá o suporte para o exercício do poder.

Sobre o exercício deste poder, o autor o declara que seus efeitos desiguais submetem indivíduos e grupos a atuarem em campos delimitados como dominantes e subordinados, conforme seus recursos, ou seja, é uma “reprodução simbólica dos contextos sociais”. Neste caso, esta reprodução simbólica determina seu valor conforme a estima de produz e recebe, podendo derivar da legitimidade que a autoridade produtora possui. Quem recebe esta representação simbólica

²³ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 166.

²⁴ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 181.

²⁵ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 197.

compreende de formas diferentes, interpreta e relaciona como convém, contudo, se visualizarmos a imprensa como um meio de comunicação de massa quando impulsionada, pode-se dizer que ela “institui uma ruptura fundamental entre a produção e a recepção de bens simbólicos”²⁶. Com este intuito, a permissividade de interpretações e distinções da recepção dos bens simbólicos, retirou a distância que colocava a respectiva legitimidade desta elite em status diferenciado.

Contudo, se a natureza da mídia e das quase-interações mediadas definem parâmetros amplos dentro dos quais as mensagens adquirem um caráter ideológico, é essencial relacionar essas mensagens a contextos específicos dentro dos quais elas são recebidas. É apenas dentro desses contextos que as mensagens mediadas podem, ou não, constituir-se como ideológicas; é apenas aqui que a mensagem constituída a fim de sustentar o poder terá sucesso, ou não, em sustentá-lo [...] ²⁷.

Segundo o autor, a ideologia cumpre papel de aporte para as relações de dominação, conforme o contexto no qual dominados e dominantes estão inseridos. Entretanto, ainda há de se considerar a estrutura na qual o indivíduo está inserido para que se possa compreender seu processo de formação ideológica e a circunstância na qual se exprime. O passo seguinte seria o comparativo, para verificação de coerência ideológica, entre os projetos e as ações destes atores políticos.

Referências

ABREU, Alzira Aves de; *et al.* *A imprensa em transição: O jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BORDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertand Brasil, p. 1989.

CAMPOS, Luiz Augusto. *Imprensa e Esfera Pública: retomando o debate Lippmann-Dewey sobre o papel público da imprensa*. Goiânia: Compós, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2012.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

²⁶ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 289-290.

²⁷ THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 348.

MELO, José Marques. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MICELI, Sérgio. *Biografia e cooptação*. In: _____. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.347.

ROY, Fernande; SAINT-PIERRE, Jocelyn. *A alta redação dos jornais de Quebec (1850-1920)*. In: HEINZ, Flávio M. (Org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.204-205.

RUDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993.

SCHMIDT, B. B. Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher “excepcional”. In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 155-171.

STONE, Lawrence. *Prosopography*. *Daedalus: Journal of the American Academy of Arts and Sciences*, vol. 100, n. 1, Winter 1971.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.

VARGAS, Jonas Moreira. *Entre a Paróquia e a Corte: uma análise da elite política do Rio Grande do Sul (1868-1889)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Fontes Documentais

Diário da Manhã. Passo Fundo, 01/01/1947 à 30/12/1964.

Diário da Manhã. Passo Fundo, 17/09/1981. Suplemento Especial a Túlio Fontoura.

Diário da Manhã. Passo Fundo, 03 e 04/12/2005. Especial 70 anos Diário da Manhã – Memórias Túlio Fontoura.

O Nacional. Passo Fundo, 02/01/1947 à 30/12/1964. Diário Independente.